



PRIMEIRO
MINISTRO

**ALOCUÇÃO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
POR OCASIÃO DA CIMEIRA MUNDIAL 2013
“PAZ, SEGURANÇA E DESENVOLVIMENTO HUMANO”**

Seul
23 de Fevereiro de 2013



Palácio do Governo,
Avenida Presidente Nicolau Lobato,
Dili, Timor-Leste

Suas Excelências, Chefes de Estado e de Governo
Suas Excelências Chefes de Delegações
Suas Excelências, Primeiras Damas
Distintos líderes da UPF
Exmo. Sr. Tajeldin Hamad, Secretário-Geral da FPU
Senhoras e Senhores,

Vir aqui representar Timor-Leste constitui para mim um privilégio e sinto-me honrado por ter sido convidado para participar, nesta Cimeira Mundial, lado-a-lado com tão importantes personalidades.

Aproveitando a participação do “Women for Peace Forum”, quero felicitar a Senhora Park Geun-hye, Presidente eleita da República da Coreia, que valida assim a importância da Mulher nesta nobre causa e, conseqüentemente, dos líderes em todo o mundo.

Congratulo a Federação de Paz Universal pelos esforços que dedicou à causa da Paz no Mundo e quero agradecer a magnífica hospitalidade concedida a mim e à delegação de Timor-Leste.

Timor-Leste tornou-se independente a 20 de Maio de 2002, depois de 24 anos de luta difícil pela liberdade. Como país recém-saído de um prolongado conflito, com a Indonésia e entre nos próprios, timorenses, decidimos dar o verdadeiro valor à nossa luta, para evitar sermos subjugados pela lembrança dos sacrifícios do passado.

Pudemos perceber que a paz não é verdadeiramente a ausência de guerra, mas que significa o sossego nos espíritos de cada timorense, a harmonia entre as nossas comunidades e a relação de amizade com outros povos.

E forjámos um processo de reconciliação com a Indonésia e, hoje, os dois países mantêm as melhores relações de vizinhança e cooperação. Procedemos também a mecanismos apropriados para, aos poucos, sarar as feridas internas, embora não tivéssemos podido evitar que, em 2006, entrássemos numa crise violenta.

Reflectimos profundamente sobre a nossa situação de pós-conflito e, em 2009, no 10º aniversário da Consulta Popular de 1999, cujo desfecho foi uma incontrolada destruição em todo o país, lançámos um apelo ao povo, que aderiu ao mote “Adeus Conflito, Bem-vindo Desenvolvimento”.

Desde então, o povo de Timor-Leste está a viver um ambiente de paz e estabilidade.

Em 2010, tivemos a honra de organizar uma Conferência Internacional para países frágeis e de pós-conflito, com o tema de “Peace building and State building”, para definir um roteiro seguro para os países com dificuldades em sacudir o marasmo a que estavam condenados.

Tomámos consciência de que sem democracia não pode haver desenvolvimento integral e inclusivo, mas não haverá desenvolvimento se não há estabilidade. E que a verdadeira paz só pode existir, se a democracia puder caminhar a passos seguros, num processo contínuo. Para isso, a democracia tem que ser um processo interno, de cada país, feita em consciência pelo povo de cada país.

Os processos de democratização impostos de fora estão condenados a ser insustentáveis, porque criam divisões internas profundas, que vão levar muito tempo a sarar, à custa dos sofrimentos de civis inocentes.

Enquanto jovem Estado, temos procurado aprender com os erros e retrocessos que fomos cometendo e, em permanente diálogo com todas as instituições públicas e com a sociedade civil, temos vindo a superar os desafios inerentes à construção do Estado. Felizmente, estamos agora no início de um novo capítulo da nossa história, que passa pelo contínuo fortalecimento das instituições, crescimento económico e desenvolvimento sustentável.

Temos hoje um Plano Estratégico, para um período de 20 anos, dentro do qual queremos transformar o nosso país, de baixo-rendimento, em um país de rendimento médio-alto, em 2030, com uma população instruída, saudável, segura e próspera.

Um processo de paz requer continuidade e tem que passar necessariamente por levar os dividendos da paz a cada casa, a cada família. Tem que passar por proporcionar melhores condições a cada homem e a cada mulher, para lhes permitir viver em plena segurança, numa dimensão mais ampla: económica, alimentar, cultural e ambiental.

Excelências
Senhoras e senhores,

Temos assistido à multiplicação de fóruns regionais e internacionais que debatem soluções construtivas, seja para a paz seja para o desenvolvimento do ser humano. Temos observado experiências e teorias de instituições prestigiadas em lidar permanentemente com a pobreza dos povos, e uma e outras têm falhado na sua aplicação às realidades de cada país, no padrão “one size fits all”.

Nesta última década, Timor-Leste foi também recipiente da assistência internacional, a que muito agradecemos. Contudo, desta parceria, resultaram sucessos e insucessos, que não justificam a quantidade de dinheiro gasta.

Foi, neste sentido, que Timor-Leste começou a liderar os diálogos do g7+, composto por 18 países, representando um total de mais de 350 milhões de pessoas. Temos insistido com a comunidade internacional sobre a necessidade de adoptar novos mecanismos de cooperação, já que os velhos, utilizados há dezenas de anos, demonstraram comprovadamente serem ineficazes.

É também, por esta razão, que estamos a defender o New Deal, lançado aqui mesmo na Coreia do Sul, em Busan, que reflecte a necessidade de os países subdesenvolvidos conhecerem a sua própria realidade (social, política e económica), as suas fraquezas e as suas potencialidades, a fim de conduzirem o seu próprio processo de desenvolvimento, de forma credível, responsável e gradual.

O *New Deal* traz uma nova esperança para o desenvolvimento sustentável dos Estados frágeis, permitindo uma melhor liderança dos países recipientes e uma melhor coordenação da assistência internacional. Esta nova abordagem, com respeito pelas particularidades intrínsecas dos beneficiários e das suas necessidades, terá maior impacto junto das populações.

Esta nova abordagem não é só necessária como urgente. Cerca de mil e quinhentos milhões de pessoas, espalhadas pelo mundo, vivem em áreas afectadas por fragilidade, crime organizado e conflitos.

Assim é que, dentro de três dias, iremos acolher em Díli, os líderes dos Governos dos países do G7+ e os vizinhos próximos de Timor-Leste, do Pacífico, da Austrália e da Indonésia, para uma Conferência Internacional sobre a Agenda para o Desenvolvimento Pós-2015, subordinada ao tema “Desenvolvimento para todos – Não deixemos 1,5 biliões de pessoas para trás”.

É nossa intenção, através desta reflexão conjunta, poder contribuir com recomendações pertinentes a fim de serem incluídas no relatório do Painel de Alto Nível das Nações Unidas, do qual faz parte a nossa Ministra das Finanças.

Excelências
Senhoras e Senhores,

Afirmei antes a necessidade de uma nova abordagem para retirar um bilião e meio de pessoas das condições de miséria. Agora, permitam-me que fale de uma outra nova abordagem para construir a paz no mundo.

Em Janeiro findo, o meu Governo decidiu apoiar a realização de um Conferência em Díli, prevista para este ano, a ser organizada pelo Conselho Asiático para a Paz e Reconciliação. O CAPR foi estabelecido em Setembro do ano passado, em Bangucoque.

Fico particularmente satisfeito com a presença aqui do ICAPP que, há quase um ano, realizou uma Conferência em Díli. O meu amigo José de Venecia é também membro-fundador do CAPR, para além de distintas personalidades da Ásia, incluindo o nosso ex-Presidente da República, Dr. José Ramos-Horta, hoje RESG na Guiné-Bissau.

A 8 deste mês, inaugurámos à frente do edifício do nosso Parlamento Nacional a estátua de Sri Chinmoy – uma réplica da que foi inaugurada em Londres nos Jogos Olímpicos.

As sessões de meditação que o Dreamer of the World Peace, Sry Chinmoy, promoveu na Sede das Nações Unidas, deviam ter merecido um resultado mais positivo no DPKO e no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O problema é este – que a primavera árabe “Inshya Allah” não venha a ser um inferno árabe!

Iraque e Afeganistão sofreram rupturas profundas no seu tecido social e qualquer perspectiva de pôr fim à actual situação não vai poder garantir o fim de conflitos e violências internas. A África está ferida por dentro. A Ásia está agitada de nervos e cada país enfrenta os seus problemas, internos e com os vizinhos.

No mundo de hoje, as democracias não se constroem com violência; no mundo de hoje, as guerras não constroem a paz!

O fenómeno da guerra sofreu alterações marcantes, afectando cada vez mais a população civil, para agrado das organizações humanitárias, cujas ajudas serão insustentáveis, no tempo e no espaço. A guerra hoje rompe fronteiras e escuda-se em contínuos actos de violência, pactuando com motivações completamente inverosímeis, o que torna muito mais complexo o seu processo de resolução.

É chegado o tempo para reflectirmos se estes insucessos, das ditas boas-vontades das organizações internacionais, políticas e militares, não estarão associados à eterna primazia dos interesses económicos, em detrimento da genuína vontade das Nações e dos povos.

Enquanto as intervenções internacionais forem pautadas por interesses, que não são as verdadeiras necessidades políticas de cada processo de paz, estes esforços vão continuar a ser contraproducentes.

É urgente uma mudança corajosa de atitudes, por parte dos líderes mundiais. É também urgente uma mudança estrutural que aborde as causas dos problemas e não apenas as suas consequências. É urgente que as superpotências mundiais e as organizações internacionais reconheçam a necessidade de aplicar uma “nova diplomacia” que abra espaço para mais diálogo, mais contactos.

Diálogos e contactos entre civilizações e entre religiões, sob o respeito mútuo, podem produzir um entendimento comum sobre os problemas cruciais da humanidade.

Neste novo milénio, não deve haver mais lugar para demonstrações de poderio, para atitudes de intolerância e actos de supremacia económica, cultural, política e social!

Excelências
Senhoras e senhores,

Esta Cimeira não poderia decorrer num local mais apropriado do que na Coreia do Sul.

Assistimos a um momento histórico único, considerando as novas lideranças em nações fundamentais à estabilidade e ao desenvolvimento regional, como a China, o Japão, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte.

Esta é uma oportunidade para superar as tensões que subsistem nesta região, sobretudo as ameaças latentes na península coreana.

A República da Coreia, a China e o Japão são países muito amigos de Timor-Leste, grandes apoiantes do nosso desenvolvimento. Estou confiante de que, com estas novas lideranças, será reforçada a estabilidade nesta região, através do fortalecimento do diálogo e da procura de soluções pacíficas e criativas que levem, inclusivamente, à desnuclearização da região.

Como a minha querida amiga, a Presidente do Brasil, Dilma Rousseff, disse por ocasião da Assembleia Geral das Nações Unidas “Mais do que nunca, o destino do mundo está nas mãos de todos os seus governantes, sem excepção. Ou nos unimos todos e saímos, juntos, vencedores ou sairemos todos derrotados”.

23 de Fevereiro de 2013
Kay Rala Xanana Gusmão